



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LUCIANA ALVES RODRIGUES

POR UM CORPO (DES)SILENCIADO: A DANÇA NO CONTEXTO EDUCATIVO

BRASÍLIA

2016

Alves Rodrigues, Luciana

POR UM CORPO (DES)SILENCIADO: A DANÇA NO CONTEXTO EDUCATIVO/ Luciana Alves Rodrigues. Brasília, 2016. 38 f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva.

Trabalho de Conclusão de Curso/Faculdade de Educação, Universidade de Brasília/UnB, 2016.

1. Educação. 2. Dança. 3. Corpo. 4. Liberdade;

Luciana Alves Rodrigues

POR UM CORPO (DES)SILENCIADO: A DANÇA NO CONTEXTO EDUCATIVO

Trabalho de conclusão final de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Patrícia Lima Martins Pederiva

BRASÍLIA

2016

Luciana Alves Rodrigues

POR UM CORPO (DES)SILENCIADO: A DANÇA NO CONTEXTO EDUCATIVO

Trabalho de conclusão final de curso apresentada ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Lima Martins Pederiva (Orientadora)

Departamento de Métodos e Técnicas / FE / UnB

Prof^ª. Ms. Augusto Charan Alves Barbosa Gonçalves

Conservatório de Música e Artes de Brasília – CMAB

Prof^ª. Mestranda Daniela Barros Pontes e Silva

Mestranda- PPGE/UnB

Prof^ª. Ms Andréia Pereira de Araújo Martinez

Secretária de Educação do Distrito Federal/SEDF/PPGE/UnB (Suplente)

Dedico este trabalho aos meus pais e a minha tia com amor!

AGRADECIMENTOS

Venho de modo especial agradecer a Deus, que me permitiu cumprir com sucesso, esta etapa da minha vida! Eternamente grata senhor!

Meus sinceros agradecimentos aos meus pais Adimilson e Helena que me acolheram com tanto amor e cuidaram de mim com tanta paciência e carinho quando necessitei. Dedico este trabalho de todo o coração para meus pais e meus irmãos, que mesmo não estando sempre ao meu lado em corpo físico, plantaram e cultivam com afincos um amor que só cresce dentro de mim. Todo esforço e dedicação durante todos esses anos, foi e é para cada um de vocês. Muito obrigada!

Agradeço profundamente a minha tia que me acolheu de forma linda e carinhosa quando necessitei, obrigada por todo cuidado e amor que tem por mim, sem você eu não iria conseguir, te amo. Agradeço a meu querido primo que por anos divide uma vida de amor e companheirismo comigo, você foi essencial para que tudo desse certo. Gratidão as minhas queridas e eternas amigas, Flávia Leite, Nicole Kercia, Sarah Gabrielle, Vanessa Santos, Nadielle Baldes, Fernanda Alkimim, Cecillie Gabrielle e Lidiane Maria. Vocês fizeram os meus dias ruins florescer, sou grata pela amizade de cada uma, muito obrigada por toda a parceria que carrego para a vida.

Em especial agradeço a Lidiane por me apoiar e me ajudar a vencer meus medos e pular as barreiras que encontrei durante essa caminhada. Flávia, Gratidão por tê-la em minha vida, você está nas minhas melhores lembranças, e quando me recordo dos momentos ruins, você também está lá me ajudando a levantar, sou grata por sua vida.

Obrigada a todas as meninas e meninos que dançam lindamente e livremente cada passo da liberdade do seu corpo, desejo que a cada dia vocês possam desamarrear seus corpos dos medos e das regras que massacram suas expressões. Vocês me mostram um mundo possível, um mundo dançante e livre, muito obrigada!

Agradeço a Augusto Charan por toda dedicação e paciência durante o tempo que trabalhamos juntos na elaboração deste trabalho, muito obrigada por tudo!

Grata a Deus por me permitir conhecer Daniela Barros que promoveu Mudanças especiais em minha vida. Você me mostrou de forma paciente e respeitosa que quando mudo o modo que vejo as coisas, tudo ao meu redor também muda. Muito obrigada por toda a amizade e carinho que tem por mim, grata!

Muito Obrigada de todo coração a minha orientadora Patrícia Pederiva que não desistiu de mim, me ajudou e apoio mesmo quando eu já havia desistido de tentar, Te levo no coração, obrigada por todo cuidado, por se importar e me ajudar a defender a minha conquista com glória. Eternamente grata!

Agradeço por todo apoio do grupo de trabalho Final de curso, vocês foram demais, sucesso a todos! Por fim, muito obrigada a todos que passaram pela vida.

Obrigada por tudo Senhor!

Liberdade é politicamente incorreta [...] não se veste bem, não tem bons modos, não liga para o que os outros vão dizer. Ser absolutamente livre tem um ônus que poucos se atrevem a pagar. [...] Dizem que todo artista é louco. Se loucura e liberdade forem parentes, então concordo. Pintar, compor, escrever, dançar, tudo isso requer um mergulho num terreno muito perigoso, o da nossa inconsciência.

(Trecho de “Picasso e a arte dos desiguais”)

RESUMO

Este trabalho de conclusão final de curso trás a importância da liberdade do corpo dentro dos espaços educacionais e sociais que durante uma longa etapa da vida fazemos parte. Aborda a importância dos movimentos dentro da escola e a descoberta deste tema durante o curso de pedagogia. Enfatizando o papel do professor no processo de silenciamento e despertar da expressão dos corpos.

Palavras-chave: Educação, expressão corporal, movimento, liberdade

ABSTRACT:

This final conclusion of course work brings the importance of freedom of the body within the educational and social spaces that during a long period of life we are part. It addresses the importance of movements inside the school and the discovery of this theme during the course of pedagogy. Emphasizing the role of the teacher in the process of silencing and extemporizing the expression of bodies.

Key words: Education, body language, movement, freedom

SUMÁRIO

Introdução	12
Memorial	14
Reflexões sobre dança, corpo e educação	21
Experiências de uma dançarina educadora	33
Considerações Finais	37
Perspectivas futuras	38
Referências	39

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão final de curso é um estudo teórico sobre corpo dança e educação, juntando com um relato de experiências vividas como dançarina dentro e fora do curso de pedagogia da Universidade de Brasília. Abordando questões educacionais sobre a prática pedagógica onde o professor trabalha com o corpo do aluno dentro de sala de forma errada e sempre silenciando suas expressões, perpassando questões de corpo e movimento que são de extrema importância para o desenvolvimento do aprendente dentro dos espaços sociais comuns e que deve ser considerado.

O trabalho trás alguns autores que tratam sobre o desenvolvimento do corpo e da aprendizagem mostrando como o corpo e seus movimentos são importantes para o desenvolvimento da criança e como está sendo visto dentro dos espaços educativos hoje. A proposta trás relatos pessoais de uma dançarina em formação que se propõe a trabalhar com o corpo por completo colocando-o como parte fundamental da aprendizagem da criança.

Colocando as expressões da criança como principal fator para o seu desenvolvimento de corpo e intelecto, apresentando alternativas para que professores possam trabalhar todas as experiências da infância através da dança de forma completa. Abordando a necessidade de ter o corpo livre dentro de salas de aula tradicionais que massacram os corpos das crianças que em sua primeira infância deveriam estar livres e em movimento.

Mostrando como a dança se fez presente na história da humanidade desde o princípio, onde cada movimento foi primordial para a criação de várias técnicas de trabalho e vivencias que temos hoje no nosso mundo cheio de expressões. Juntando com a descrição de experiências de uma dançarina educadora que aprendeu de forma prática como ações expressivas ajudam na realização de todas as tarefas diárias, principalmente nas cognitivas/corporais.

Partindo disso, iremos conhecer a comunicação corporal através das danças, entendo que os nossos movimentos mais básicos de relação com o mundo são formas de se comunicar e precisam ser bem desenvolvidos para que possamos ter um bom desenvolvimento das potencialidades humanas. O uso como um processo Educativo, que não se resume em adquirir habilidades técnicas, mas que poderá contribuir para o desenvolvimento do movimento e suas habilidades básicas e fundamentais.

Este trabalho tem como objetivo refletir a importância da dança na escola, como a dança têm sido usada como espetáculo e sem fins educativos. Como as escolas estão sufocando os corpos que deveriam ser desenvolvidos para o bom crescimento do corpo e de suas relações com o mundo exterior da criança. Partindo das seguintes problemáticas: As danças educam? Porque a dança na escola é vista como espetáculo? Como a dança pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem? Porque escolarizamos o corpo? A dança é uma ferramenta de ensinagem?

As danças não são formas de espetáculos, é educação através da arte. Propiciando aos alunos grandes mudanças afetivas e sociais, no que se refere ao comportamento e em sua forma de se expressar e pensar, pois oferece a oportunidade de aprender a expressar-se criativamente através do movimento. A maioria das escolas particulares de educação Infantil têm a modalidade dança, e na maioria delas as meninas fazem ballet e os meninos algum tipo de arte marcial.

O presente trabalho irá refletir como o professor (a) dentro de sala de aula trabalha com o movimento corporal como processo educativo dentro de sala de aula, é se ele usa ou deixa de lado essa possibilidade. Verificando como os mesmos descrevem as contribuições da dança no processo educativo e se descrevem.

Como a escola está trabalhando a dança como arte e se está trabalhando, pois a possibilidade de trabalhar a habilidade de criar, imaginar, sentir e perceber, procurando associar o conhecimento corporal com o intelectual. Proporcionando ao educando um desenvolvimento conjunto de habilidades que a escola trabalha separadamente.

MEMORIAL

Minha trajetória com a dança: Reflexões com a Educação

“Dançar é... sensação de liberdade, de renovação plena, de sentir-se completa! Quando danço eu acrescento dias a minha vida.”

Najlah Fareeda

Lembro bem que tudo começou quando eu tinha de quatro para cinco anos. Recordo-me do meu pai me levando para algumas festas que ele participava, e onde ele dançava forró. Venho de um lar onde tudo é motivo para comemorar e acho isso maravilhoso, pois ficávamos juntos em praticamente todas as datas comemorativas. Meu pai me ensinou a dançar forró aos 6 anos de idade, e confesso que aprendi porque amava ver ele dançando. A felicidade que ele passava ao dançar gerava em mim uma admiração enorme pelo o motivo de toda aquela alegria. Foi assim que a relação com a dança surgiu em minha vida, de forma feliz, leve e simples.

Um dia fui à casa de minha tia Maria, e fui convidada para participar de um culto que ocorreria em sua casa na semana seguinte. Aceitei o convite e fui para o encontro, chegando lá, conheci algumas pessoas que faziam parte de um centro religioso, Igreja Batista Paz e Vida. Muitas meninas com a minha idade estavam presentes, gostei e comecei a frequentar o culto. Envolvi-me mais com as pessoas e Criei vínculos, fiz amigos e fiquei neste centro religioso.

Permaneci frequentando naquela instituição e acabei me envolvendo com o ministério infantil da mesma, desenvolvíamos atividades para que as crianças pudessem aprender mais sobre a bíblia. Durante este tempo fiz alguns cursos que me capacitaram para atuar como regente das turmas infantis de ensino religioso. Esse foi um trabalho muito bom e de muito aprendizado, foi nele que me descobri como educadora, que me vi capaz de cuidar e organizar atividades e mini aulas com temas bíblicos. A vontade de ser professora começou a ser despertada.

Conforme o tempo passava e eu me envolvia com as pessoas e o espaço, nos juntamos e decidimos montar um grupo de dança com as meninas para realizar apresentações. Começamos a ensaiar e a montar coreografias, e a princípio sem procurar nenhuma aula de dança que pudesse nós auxiliar na composição dos passos e a desenvolver

tal função. Passamos a apresentar neste espaço e em outras igrejas que nos convidavam para dançar em seus congressos. Colocamos um nome em nosso grupo, pois sempre que anunciavam as nossas apresentações não sabiam como iriam nos chamar.

Fizemos pesquisas, discutimos muitas possibilidades de nomes até que chegamos no considerado o melhor. Escolhemos Expressão e Arte, juntamos as duas palavras em uma só: ExpressArte, pois queríamos expressar a nossa Arte em escolas, teatros, projetos sociais, nas ruas e etc. Só as paredes do nosso templo eram pequenas para todas as possibilidades que juntas poderíamos alcançar com as nossas expressões artísticas. Agora com um nome, seguimos e apresentamos em alguns projetos sóciais, ruas e escolas de nossa cidade.

Sentimos a necessidade de nos aprimorar com técnicas e novos passos de dança para as coreografias. Começamos a procurar lugares onde oferecessem aulas de ballet clássico para que pudéssemos desenvolver melhor as coreografias e nos desenvolvermos mais tecnicamente. A primeira proposta que encontramos foi em uma sub-loja em Águas Lindas (GO) em cima de uma padaria onde um grupo de meninas davam aulas de hip hop para crianças. Procuramos outros espaços acessíveis ao que pudéssemos pagar, mais não achamos nada que se encaixasse na renda de todas.

Ficamos por ali no hip hop e participamos das aulas durante um ano neste local, o grupo se desenvolveu muito bem aquele estilo de dança, tão bem que resolveram abrir outro grupo só para dançar hip hop. Com o tempo se profissionalizaram e até hoje ministram aulas deste estilo. Com essa experiência fui constatando que as danças onde os movimentos exigem muita força nas pernas e abraços com um peso maior aplicado nós membros do corpo em cada passo. Esses movimentos não se encaixavam no meu corpo, tive muitas dificuldades para conseguir desenvolver os passos em meu corpo.

Comecei a ficar muito frustrada com este estilo de dança, porque todas as meninas conseguiam fazer os movimentos com perfeição, mais para mim era um esforço imenso conseguir executar com o mínimo de perfeição o movimento que era mais simples. Acabei ficando desmotivada e optei por desistir do hip hop. Parei com as aulas e fiquei muito desgostosa com a dança durante um tempo, e neste momento senti como se o único estilo de dança existente fosse esse. Mais mesmo assim permaneci fazendo parte do ExpressArte, pois amava ter amigas que compartilhassem o mesmo desejo que o meu naquele momento.

Um dia, uma das meninas chegou com uma proposta onde todas nós fizéssemos outro estilo de dança, para que tivéssemos mais técnicas de danças clássicas para as montagens coreografias. Assim como surgiu o hip hop em nossas vidas vindo com a intenção de

melhorar o que já tínhamos conhecido sobre dança até ali. Dayse, uma das integrantes do grupo, sugeriu que fizéssemos ballet clássico, mais nenhuma de nós tinha dinheiro para pagar uma boa em uma boa escola, procuramos em nosso bairro possibilidades de ingresso neste estilo.

Depois de algum tempo nesta procura, encontramos Cristina uma professora ballet que ministrava aulas para poucas pessoas em sua instituição religiosa. Combinamos um preço que todas pagassem a ela para que desse as aulas para o nosso grupo. Começamos o ballet e de cara me encaixei neste estilo, todos os passos faziam o meu corpo gritar de alegria em cada movimento. Neste exato momento percebi que era nesse estilo que eu me encaixava, da ai para frente não quis mais parar de dançar, ficava ansiosa a semana toda esperando que chegasse o dia de fazer as aulas, porque o prazer de dançar era imenso.

Prossigui com os dois trabalhos com as crianças e a dança, com o tempo comecei a perceber que em nossas apresentações as maiorias das crianças iam para frente e ficavam observando atentamente o movimento, muitas dançavam junto outras pulavam ou rodavam tentando acompanhar a coreografia. Depois de observar esses aspectos nas crianças, comecei a levar músicas infantis com alguns gestos para que começássemos as aulas religiosas com canções curtas e gesticuladas. Foi neste momento que a dança começou a timidamente se envolver com a educação.

Permaneci dois anos participando das aulas de ballet com Cristina na igreja dela, mais infelizmente ela parou de dar aulas e tivéssemos que sair do espaço. Ficamos juntas no grupo durante três anos e decidimos nos separar, pois minha família se mudou e precisei ir junto com meus pais para outra cidade. O grupo então decidiu que se não pudéssemos continuar dançando com todas não iríamos dar continuidade ao projeto. Por fim, nos separamos e cada uma seguiu o seu caminho.

Meus pais me deixaram morando com a minha tia paterna no Recanto das Emas (DF) e seguiram para uma fazenda em Flores de Goiás com os meus outros irmãos. Como as condições de estudo na nova cidade dos meus pais não eram boas, eles decidiram que era melhor que eu ficasse em Brasília e pudesse estudar sem muita dificuldade de locomoção, aproveitando as oportunidades e de estudo. Continuei estudando e o tempo passou rápido, logo fui para o ensino médio e durante todo esse tempo não participei de nenhum grupo de dança e não procurei as aulas para continuar me aperfeiçoando.

Comecei a sentir muita falta de dançar e procurei um espaço para continuar fazendo as aulas. Conheci Lorrana, uma moça que dava aulas ballet para custear as suas próprias aulas

em uma escola de artes que prepara dançarinos com o uso bíblico, instituto de Artes Josac que fica na Ceilândia. Ela ministrava aulas de ballet clássico e Contemporâneo hip hop e teatro. Iniciei as aulas com ela e a cada dia me encontrava e me dedicava mais a aprender as técnicas.

Aprender cada movimento que envolvia a dança era extremamente importante para mim e eu me sentia cada vez mais envolvida com ela. Procurei outra igreja para frequentar e me encaixar neste contexto novamente, logo achou um novo espaço. Fui para a igreja Batista das Nações em minha cidade Recanto das Emas que fica bem perto da minha casa, chegando lá encontrei muitas meninas adolescentes com variados problemas familiares e pessoais mal resolvidos e me dispus a ajudá-las.

Passei semanas procurando uma forma de auxiliá-las e não encontrei. Logo me lembrei-me da dança e propus desenvolver um trabalho onde através da dela as meninas pudessem expressar seus sentimentos e suas frustrações, desenvolvendo amizades e aprendendo a conviver em grupo. Comecei os trabalhos com duas meninas e compartilhei tudo o que aprendi com as experiências anteriores. Propus ensaios, alongamentos e passeios.

Permaneci fazendo aulas com Lorrana em sua igreja e com ela aprendi muito do que sei. Com o passar do tempo outras meninas foram chegando e se juntando ao grupo, adolescentes entre 12 e 20 anos e crianças de 3 a 10 anos. Comecei a desenvolver um trabalho onde tudo o que fosse ensinado á elas fosse passado para as outras que não sabiam ou que estavam recém chegadas no grupo. Elas começaram a ajudar uma ás outras em suas dificuldades, e assim o trabalho seguiu.

Durante todo o meu ensino médio pensei no que gostaria de trabalhar, e a dança sempre foi uma possibilidade latente em meu coração por que ser uma bailarina profissional sempre foi uma opção desde o meu primeiro encontro com esse estilo. Mais com o passar do tempo fui percebendo o quanto o meu relacionamento com crianças era bom, e percebi que sempre estava envolvida em atividades e os planejamentos desenvolvidos para elas eram muito bem aplicados.

Chegando ao fim do ensino médio comecei a pensar o que gostaria de fazer para profissionalmente e a relação de ensino com as crianças me ajudou na escolha da pedagogia. Outro motivo que me ajudou a escolher a pedagogia foi o professor Samuel tive aulas na 4 sério com ele. Cheguei na turma dele sem saber ler e com muitas dificuldades para se relacionar. Ele me ajudou a enfrentar o medo da leitura e neste ano fiz vários amigos, me recordo que no fim do ano, fui para outra escola e estava lendo muito bem. O amor desse

professor ficou marcado em mim, e optei por pedagogia para conseguir ajudar as crianças como ele me ajudou.

Quando estava no último ano do ensino médio, fiz as inscrições para os vestibulares e a minha primeira opção foi pedagogia, e na primeira tentativa já fui aprovada para realizar o curso. Fiquei muito feliz e extremamente radiante por essa conquista que foi tão desejada e planejada durante algum tempo. E em 2012, ingressei no curso cheia de vontade de aprender coisas novas, ver e viver as práticas de ser uma professora.

Em meu terceiro semestre de faculdade precisei fazer projeto 3 e olhei todos os projetos que existiam na faculdade de educação, porém nenhum me agradou, a maioria não se encaixava com o que eu queria ou pelo menos o que imaginava que queria. Por um acaso vi um anúncio da professora Patrícia Pederiva no facebook colocando um novo projeto à disposição dos alunos, e imediatamente escrevi para ela demonstrando interesse no projeto.

Marcamos uma reunião e ao chegar à sala marcada para o encontro, a professora explicou que o projeto iria trabalhar com a proposta de que todos nós podemos fazer música, tocar, cantar e dançar, pois todos somos seres musicais independente de qualquer técnica. Fiquei muito interessada no projeto e logo fiz a minha matrícula para fazer parte do grupo e participar do desenvolvimento do trabalho. Não demorou muito para começar a aparecer mais pessoas interessadas no projeto e se juntaram ao grupo.

O trabalho foi nomeado de LAMCE (Laboratório de Arte Música Cultura e Educação). A experiência adquirida neste projeto foi de imensa importância para o meu desenvolvimento acadêmico e a visão do que realmente gostaria de seguir como linha de estudo em minha formação como pedagoga. No decorrer de cada encontro a relação com a dança foi ficando cada vez mais latente em meu coração, mais não imaginava como poderia relacionar dança e pedagogia.

O projeto era desenvolvido na Cidade Ocidental em duas escolas, Aleixo Braga 1 e Aleixo Braga 2 no quilombo Mesquita perto do Jardim ABC onde se encontra o quilombo Mesquita. O público que pretendíamos atingir eram crianças, jovens e adultos que se interessassem pela temática abordada, ou seja, dança música e também percussão corporal. Qualquer pessoa poderia entrar e participar das atividades, nosso objetivo era atingir o máximo de pessoas possíveis.

Os planos de aula eram criados coletivamente em nossas reuniões semanais, onde todos os integrantes do grupo participavam da criação de cada detalhe da aula que iria ser ministrada em cada semana. Todos estavam à frente da regência das atividades desenvolvidas,

sempre procurando trabalhar coletivamente, nunca deixando o regente sozinho, sempre procurando apoiar e ajudar no crescimento. Foi uma experiência de muito crescimento e bastante aprendizagem na área de Educação Musical.

Conforme as atividades foram sendo desenvolvido o desejo de incluir a dança foi crescendo, e procurei incluir em algumas atividades. Mais foi uma tentativa frustrada, pois não me vi capaz de estar à frente de um grupo desenvolvendo uma atividade com as crianças regida por mim. Passei todo o projeto tímida e sem saber como inserir a dança nas atividades. Hoje me arrependo de não ter tentado inserir mais práticas corporais em nossos planejamentos, não considero que me mostrei apresentei como uma educadora em dança para o grupo, mas desenvolvi as e aprendi muito com as atividades musicais que desenvolvemos.

Depois dessa experiência decide acabar com a vergonha e com o medo de errar, e acreditei que sou capaz de trabalhar com o quero, gosto e amo fazer, a dança. Comecei estudar temas que envolvessem o corpo e a dança junto com a educação, pensando que ela pode ser usada como forma de educação, elas podem se desenvolver juntas. Pode ajudar no desenvolvimento de questões pessoais e interpessoais. Comecei a pensar em como poderia ajudar as crianças a ter um bom aprendizado dentro e fora de sala de aula através da dança.

Iniciei um projeto de dança com meninas de dois a vinte anos em minha igreja, montei um grupo e escolhi um nome para ele e dei iniciei as atividades com as meninas que foram mostrando interesse pela dança. Hoje, oito meninas participam entre treze e dezenove anos e crianças de três a dez anos, comecei a perceber que elas foram se entregando para o trabalho cada dia mais, pois encontraram conforto e ajuda para as suas questões internas e externas e foram ficando por conta de outros fatores além da dança.

Depois de certo tempo de trabalho, observei fatores comuns que mudaram na vida das meninas que incluíam novas amizades, a perda da timidez, comportamentos emocionais se equilibraram. O projeto começou a mostrar mudanças positivas na vida delas. Essas foram às mudanças que ficaram mais nítidas em cada uma delas, mas percebi que estavam ocorrendo desavenças entre elas por conta de falta de comunicação nos ensaios. Então coloquei elas frente à frente para que conversassem e resolvessem as questões que causavam as desavenças, e por várias vezes elas conseguiram se resolver sozinhas.

Cheguei à conclusão que elas mudaram de comportamento por um motivo comum que existem entre elas, ou seja, as danças e por gostarem tanto começaram a valorizar e a ter respeito por quem também atribuía valor ao trabalho em grupo que desenvolviam juntas. No começo fiquei como organizadora de todos os figurinos, todas as coreografias e sempre

mediava os conflitos, mais com o passar do tempo elas foram resolvendo os conflitos entre elas e tendo liberdade para criar e se expressar com liberdade.

Entendo que algumas mudanças ocorreram porque ocorreu uma intervenção externa para que algo comum entre elas desse certo, e tudo pudesse ter um bom desenvolvimento. Com isso pude perceber que houve um grande amadurecimento no grupo e elas entenderam que podemos nos realizar juntas. Mais para que tudo isso pudesse acontecer houve um gosto comum entre elas que contribuiu para o melhor desenvolvimento das técnicas e das relações interpessoais.

Depois de perceber que a dança poderia trazer mudanças pessoais e interpessoais na vida das pessoas, despertei o interesse de poder aplicar o que fiz na igreja nas escolas, já que a Educação também é uma longa paixão que tenho em minha vida. Comecei pensar em como a Dança poderia trazer crescimento dentro de sala de aula, qual a importância que ela teria e quais os benefícios que trariam para as crianças.

Portanto decido e direcionar minha pesquisa de final de curso para este tema, pois tenho um enorme interesse em todas trabalhar usando a dança dentro de sala de aula para que as crianças possam ter um desenvolvimento mais apropriado e completo. Onde o professor poderá usar muito mais que livros, lápis e uma sala com cadeiras enfileiradas e crianças sentadas e comportadas absorvendo só o que o professor diz.

Assim direciono a minha pesquisa para mostrar que todos nós podemos educar através da dança, e ensinar para as nossas crianças que elas podem aprender umas com as outras e nós educadores podemos ser mediadores dessa educação que não massacra o corpo, mas que faz com que ele desperte e se desenvolva através da dança.

Reflexões sobre dança, corpo e educação

A dança¹ é parte da constituição humana, de acordo com Kaeppler (2013). Constatamos que ela não foi abandonada ou substituída por outros meios de comunicação. Esta, na dança, se dá de modo bastante específico. Nela, o corpo fala por si mesmo através de expressões resultantes de movimentos intencionalmente coreografados com o objetivo de transmitir uma mensagem. Não há necessidade da comunicação oral, os movimentos conseguem passar a mensagem através do corpo. A dança poderia ter se perdido ou se tornado só mais uma invenção humana sem nenhuma importância no desenvolvimento da humanidade, mais ela, com o passar dos séculos, se consolidou numa importante forma de expressão e comunicação.

A comunicação é a capacidade de transmitir uma mensagem para receber outra em troca, ou seja, para se comunicar é necessário expressar algo, externalizando para o outro o que se quer ou o que se está sentindo ou pensando. Normalmente, usamos a fala para transmitir o que queremos, pensamos e sentimos, mas ela não é a única ferramenta humana existente para se comunicar. A dança compreendeu a necessidade do corpo de mover-se, de criar, de desenvolver seus domínios motores, afetivos e cognitivos. Pode exprimir pensamentos, sentimentos e informações. Certamente a dança é usada como meio de expressão de suas características culturais, e aparece com diversos objetivos: danças sagradas, danças populares, danças teatrais e atribuindo para cada um sentindo.

Pelas manifestações corporais o ser humano se relaciona com o ambiente. Para Vigostki (2009) não existe um modo isolado de comportamento humano, as formas de interação com o mundo depende diretamente de formas de atividade humana que depende em particular do acúmulo de experiência de cada um. Para Nanni (1998), as palavras da linguagem corporal propiciam ao indivíduo o reconhecimento do outro e de si mesmo, uma vez que deixa transparecer carências, privações, necessidades, dificuldades existentes e emocionais, revelando experiências sentidas, imaginadas e vividas, proporcionando diversas e sucessivas leituras. Dançar é uma arte fundada sobre a ciência do movimento, mas o corpo físico, como ensina a corporeidade, é apenas parte do ser humano. Não é mais possível pensar que os indivíduos são apenas corpos que executam movimentos. A dança se definirá simplesmente por existir, por ser presente, por relacionar-se com o mundo e descobrir o que o corpo tem a dizer.

¹Neste trabalho, utilizaremos o termo danças por constatarmos, assim como Blacking (2013), que existem diversos tipos de culturas e por isso muitas danças existentes.

O homem com o passar dos séculos, estabeleceu um código de sinais, gestos e expressões e nele imprimiu vários ritmos. A dança foi a primeira manifestação de comunicação do homem através da linguagem gestual, que possibilitou a expressão de sentimentos, vontades e desejos. A dança está presente desde os primórdios, como indica Ellmerich (1968, p. 189) ao afirmar que o homem, antes de se comunicar através da linguagem oral, ele dançou.

De acordo com Diniz (2013) quando o homem sai do estado primitivo e passa viver em sociedade ele começa a organizar seus trabalhos para sobrevivência comum a todos, organizando a forma de plantar, colher, caçar e construir suas roupas e casas. Em todas essas práticas o homem atribuiu marcações rítmicas como pancadas e gritos para se comunicarem quando o trabalho estava sendo executado para estabelecer uma comunicação segundo as suas necessidades.

Existem indícios de que o homem dança desde os tempos mais remotos. Todos os povos, em todas as épocas e lugares dançaram. Dançaram para expressar revolta ou amor, reverenciar ou afastar deuses, mostrar força ou arrependimento, rezar, conquistar, distrair, enfim, viver! (TAVARES, 2005, p.93), a dança é usada como forma de expressão nas diversas culturas existentes. Para Blacking (2013), as danças passaram por um processo evolutivo ao longo dos séculos e com isso foi-se afirmando cada dia mais dentro de suas práticas culturais. Não sendo substituída pela linguagem verbal, embora a mesma seja no geral eficaz para a adaptação cultural. Portanto as diversas culturas existentes conseguiram sobreviver sem ela usando movimentos como uma forte forma de expressão.

O ritmo acompanha o gesto e é carregado de uma descarga emocional que serve para regular e medir forças vitais, Diniz (2013). Ele, o ritmo, vem estabelecendo harmonia e equilíbrio para os movimentos e dando força para suas expressões através da vida no seu dia a dia. Um exemplo disso é pular, saltar, gritar e rodar esses modos universais de se movimentar no cotidiano de muitas civilizações que também estão habituadas a usarem estes movimentos como forma de trabalho, seja para favorecer no crescimento de suas plantações ou para chamar a chuva como na dança praticada por povos indígenas, conforme Guilhon (2013). A literatura, música e as expressões artísticas são juntamente com a dança categorizadas como arte do tempo. O ritmo é pensado como um traço fundamental destas expressões afirma Boas (1947, p.334). Ao tratar as danças como arte, Boas inova e amplia as formas de compreender essa manifestação nas “sociedades primitivas” enfatizando os seus aspectos técnicos, formas e não só aspectos conscientemente veiculados.

Guilhon (2013), Trata da Dança como uma forma universalizada de se movimentar no cotidiano humano, Carozzi critica e discorda da idéia de dança como uma categoria universalmente aplicável. Como alternativa, ao invés da dança, alguns pesquisadores nomeiam diferentemente a partir da idéia de movimento como uma antropologia dos sistemas estruturados de movimento Kaeppler (1985) ou antropologia do movimento humano, Farnell (1995).

A dança é vista como uma atividade criadora para expressar ao mundo uma composição de sentimentos. Partindo deste princípio Vigotski (2009) concorda que a atividade criadora é aquela que se cria algo novo, e pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo. Olhando para o comportamento humano, o que importa são as construções que se manifestam no ser humano que se constituem e fazem a diferença no desenvolvimento de suas atividades.

O corpo é um forte instrumento de expressão dos processos criativos e da comunicação. A linguagem do corpo usa a dança como instrumento físico e simbólico, permitindo exprimir sentimentos e pensamentos através dos movimentos corporais que se transformam em símbolos com o objetivo de representar experiências adquiridas do mundo a serem entendidas pela sociedade, transmitindo com seus movimentos informações, sentimentos e desejos de acordo com Zemp (2013).

A criança desde muito pequena necessita se movimentar e se expressar nos primeiros momentos de sua vida se expressa através de sons e gestos. Assim o movimento se constitui como uma atividade primordial na vida da criança, Kalakian e Goldman (1976) concordam que o movimento deve ser considerado e explorado na infância, pois consideram que a liberdade do corpo na infância é de extrema importância para o descobrimento e aprimoramento dos movimentos motores na criança.

A dança no processo de desenvolvimento motor das crianças proporciona que ela explore todos os tipos de movimentos, sempre articulando com suas emoções. Levando a criança a conhecer o ambiente ao seu redor descobrindo elementos do seu próprio corpo, afirma Montessori (1964). Partindo deste ponto de vista a dança tem sido estudada como forma de desenvolvimento motor, sensorial e emocional da criança. Proporcionando que ela tenha um pleno desenvolvimento motor em seu início de vida, descomplicando as relações de descoberta da criança com o mundo. O conhecimento do próprio corpo se torna possível, a criança adquirir liberdade nos espaços que frequenta, proporcionando com que o corpo se desenvolva juntamente com o crescimento da criança.

De acordo com Kaeppler (2013), a dança é uma forma cultural engendrada pelos processos criativos de manipulação dos corpos humanos no tempo e no espaço. Sendo assim, a dança é uma forma de manifestação das relações sociais, proporcionando aos que a praticam que as suas relações sociais se alarguem junto com o grupo cultural frequentado. Possibilitando que o conhecimento dos corpos seja refletido e organizado do ponto de vista da dança. Os espaços de interações comuns permitem o conhecimento das demais danças e culturas, permitindo que outros corpos sejam conhecidos e a prática da convivência seja aplicada e reconhecida.

Guilhon (2013) concorda com Blacking (2013) e citam Boas (1965) quando diz que do ponto de vista antropológico a dança é sem dúvida um fenômeno universal, pois o corpo humano comporta suas limitações mais concerne junto todas as capacidades de movimentos que serão limitadas segundo cada formação grupal escolhida dentro de seus grupos para suas práticas culturais. Desencadeando em um conjunto de movimentos, estilo e dinâmicas, incorporado de sentidos para aquele conjunto cultural.

Na história da humanidade um dos exemplos de expressão através de danças são os hebreus que possuíam danças próprias e outras que com certeza obtiveram dos egípcios. Para comprovar no velho e no novo testamento da bíblia sagrada aparece o relato de quatro momentos em que eles dançaram. Um desses foi a profetisa Miriã, irmã de Arão, que pegou o seu tamborim e todas as mulheres a seguiram, dançando e cantando em agradecimento a sua vitória, após conquistarem a liberdade da escravidão. (Bíblia, Êxodo 15:20, 21, p. 77).

Conforme alguns autores, a dança tem sido tratada do ponto de vista antropológico social (Blacking, 2013; Youngerman, 2013; Kaeppler, 2013). Para Youngerman (2013), a dança é um conjunto de expressões corporais identificadas em muitas culturas. Entretanto, para Kaeppler (1997) a dança é um conjunto de movimentos rítmicos controlados, e escolhidos com um objetivo preciso e determinados dentro de um grupo. Então, a idéia da generalização da dança como um dos objetos da cultura se torna perigosa, pois em cada cultura será determinada de forma diferente, conforme cada situação.

No entanto, Nanni (1998) discorda. Para ela a evolução da dança só ocorreu por uma necessidade estimulada pelo homem de se expressar, que incitou padrões segundo seus desejos, interesses, sonhos e realidades. Adquiriram formas diversas de danças para suprimir suas necessidades de se comunicar através da mesma. Assim, a dança também foi criada e direcionada segundo a vontade da sociedade. Ela não foi instituída sem uma precisão do seu uso. Para Dantas (1999, p. 17) Ao dançar, os homens e mulheres não apenas reinventam

movimento, tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois a dança cria um jogo de forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano.

Ao apresentar a composição dos movimentos nos comunicamos de forma externa, pois todas as danças são compostas de diferentes passos e ritmos que têm a intenção de transmitir e despertar todas as emoções que estão reprimidas por uma sociedade que mecaniza os corpos e desconecta o corpo dos estímulos externos, pois querem encaixá-los em um mesmo (padrão) dentro da sociedade,

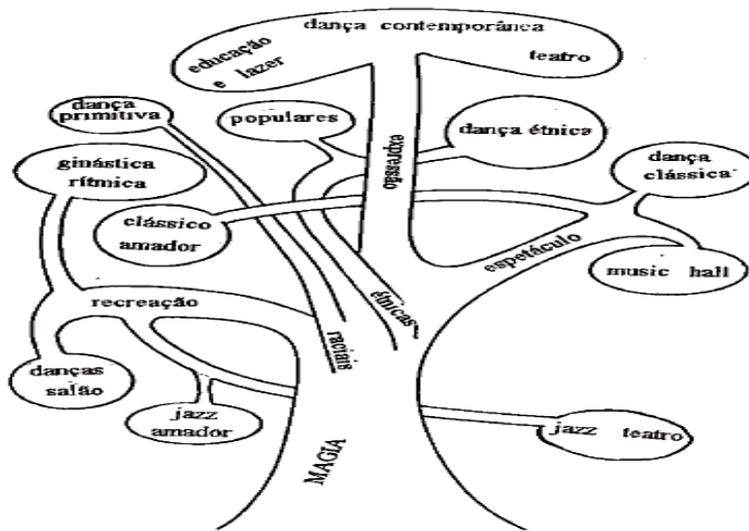
De acordo com Lynne (1979), a dança é enumerada por sete comportamentos humanos no que se refere a prática da dança, por se caracterizar em uma prática social. Estes também são campos de estudo: Físico, cultural, social, psicológico, econômico, político e comunicativo. Para a educação ela será um processo dinâmico e objetivo, respeitando todas as potencialidades e capacidades do educando que serão desenvolvidas através de estímulos articulando o pensar, sentir, perceber, agir, reagir e se expressar através da dança, Nanni (1998).

Do ponto de vista educativo a dança se dará através dos processos criativos do educando, respeitando as suas individualidades e usando os seus processos para transformar e emancipar os indivíduos, também é importante que o educador integre a sua prática educativa junto com a comunidade que o aluno está inserido para que o processo possa se dar de forma dinâmica e objetiva, sempre articulada com o seu grupo cultural.

A antropologia estuda essas abordagens como subdisciplinas da antropologia, olhando as danças como uma simbologia completa utilizada pelo homem. Segundo Fomm (1983), para a educação, o homem usa a dança como forma de emancipação e auto realização, pois através da emancipação o ser humano é conduzido a um processo de auto - criação que o levará a ter autonomia e liberdade, promovendo transformação nos indivíduos, tendo por obter como fruto das criações expressões corporais implementadas de significados para cada contexto.

Enquanto atividade educativa, o conhecimento da dança que será ministrada é de imensa importância, o educador deve envolver os educandos em atividades auto reflexivas levando-os a pensar em direções integras da prática social, sempre considerando os contextos de cada grupo. Como prática educativa. A dança proporciona que o aluno reflita sobre elementos do mundo social de forma a aumentar seu conhecimento sobre o mesmo, Nanni (1998).

Robinson (1978) afirma que a dança sempre permeia acontecimentos da vida humana, do vigor física e sexual, da saúde, da religião, da fertilidade. Assim a dança se insere no cotidiano humano simbolizando valores e necessidades referentes a existência humana. Para comprovar, Robinson (1978) criou um diagrama e intitulou a árvore da dança² figura 1, com ela se mostrou os vários tipos de dança e suas ramificações. Gallardo (2006) e Strazzacappa (2001) reconhecem, concordam e se apropriam desse conhecimento, evidenciando-o em suas pesquisas.



Fonte: ROBINSON, 1978, P.

Tratando de desenvolvimento, Gardner (1987) apresenta que para um bom desenvolvimento das inteligências múltiplas, a dança tem contribuído diretamente para o crescimento cognitivo e educacional de muitas crianças. Sendo trabalhada através da dança expressiva, como prática pedagógica, respeitando e atendendo as necessidades de cada um, transformando a dança como forma educativa dentro da escola. Vigotski (2009) concorda que o desenvolvimento da criança dentro de qualquer atividade humana depende das experiências adquiridas anteriormente através das relações sociais, quanto mais ricas a experiência vivida, o andamento da aquisição do saber se dará com mais facilidade, pois serão acrescentadas mais vivências a já existente formando um novo entendimento da mesma.

² O desenho dessa árvore mostra, as várias ramificações que fazem parte do universo da dança, no qual adquirem funções a partir de três motivações principais, a saber: a expressão, a recreação e o espetáculo. No tronco, observa-se que todas estão interligadas e são geradas pela magia que acontece por meio das relações do ser humano com a sociedade (ROBINSON, 1978).

(...) Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziriam apenas doentes do corpo e do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes. (Freinet, 1991, p. 42)

Para que o aluno aprenda a maioria dos educadores acredita que é necessário que o aprendiz tenha uma postura corporal totalmente silenciada, ou seja, sentado, quieto e calado, imóvel em muitas escolas. O educador só privilegia o cérebro e massacra o corpo com horas de silêncio e atenção cognitiva. A aprendizagem se torna empobrecida e chata, o espaço não integra o aluno, a aula se torna um massacre do corpo que por horas fica imóvel, Scarpato (2001) concorda e afirma que o aluno ao adentrar a sala de aula reprime todos os seus sentimentos corporais adquiridos no seu cotidiano, o professor forma doentes do corpo e forma alunos fracionados, ou seja, que só utilizam partes do ser.

A dança junto com a educação proporciona que uma consciência corporal seja desenvolvida partindo dos espaços internos do próprio corpo (emocional, mental, psicológico), ela cria um equilíbrio do conjunto e preserva o desenvolvimento do relacionamento com o espaço exterior de forma dinâmica e harmoniosa trabalhando todas as partes do conjunto corporal. Levando o ser humano a se desenvolver de usando o seu corpo e partindo dele para iniciar um processo de aprendizagem que será bem desenvolvido e usado em todas as atividades desenvolvidas.

Deve-se transformar a dança em uma prática prazerosa dentro da sociedade, transformando-a em um exercício cotidiana, onde o cérebro possa estar ligada as práticas corporais, pois o desenvolvimento das inteligências também é realizado através da dança porque é motor por fundar em uma formação do sistema corporal. Levin (1997) concorda, pois para ele o desenvolvimento está sempre em direta relação com as funções motoras.

O corpo está em constante movimento e em diferentes espaços dentro da sociedade, não existe a possibilidade de separar a relações sócias do corpo de qualquer ser humano. O corpo está em movimento e deve ser respeitado nos tempo e espaços sociais de convivência comum entre os seres humanos. O corpo é educado, treinado e disciplinado para entrar nos regulamentos da vida cotidiana que é organizado por meio das “rotinas” onde o tempo é regulamentado e os espaços de convivência são direcionados para comer, beber, estudar,

dormir, fazer tarefas, se comportar para o funcionamento das atividades humanas, Arroyo (2012) concorda.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VIGOTSKY, 2009, p. 33).

O ser humano foi sendo moldado em contextos de silenciamento de seus corpos e de repressão de qualquer expressão que não seja a de estar bem “comportado”. O desrespeito com o corpo é imenso, ele é contido em muitos espaços como: escolas, cinemas, igrejas, lanchonetes, supermercados, em poltronas de bancos de carros que são estilizados para o transporte de crianças. O corpo é constrangido, podado, calado e oprimido nesses espaços, é o comportamento é exigido com afinco as posições tomadas pelo o corpo. Gostar de estar em movimento é proibido e todas as crianças que começam a movimentar o seu corpo dentro desses espaços são consideradas inquietas.

Partindo dessas evidências onde o corpo tem sido normatizado nos movimentos físicos do cotidiano, (Silva 2012; Arroyo 2012) as crianças são as que mais acabam sofrendo e sendo encaixadas neste contexto de rotinas e se tornam adultos regulamentados, pois desde bem pequenos são inseridas nestas diversas regras que regulamenta o comportamento comum entre os seres humanos. Para Silva (2012) precisamos pensar no direito da infância aos espaços públicos, reconhecendo o direito da infância e defendendo os sujeitos, para que possam ter direito à livre expressão corporal em todos os lugares, mas não deixando que se perca de vista o exercício de ser criança.

Consideremos o corpo como participante direto do desenvolvimento humano em seus diversos contextos sociais, pois, nele temos o conjunto de expressão de sentimentos, vontades, incômodo todos juntos. Basta sabermos ouvir o corpo, sentir o corpo e basear a nossa prática social em cima dele, não existem possibilidades melhore de um bom desenvolvimento pleno

do aluno desconsiderando todas as formas de comunicação do corpo através da dança que já foram apresentadas anteriormente e que devem ser respeitadas.

A natureza do homem, na sua dupla estrutura corpórea e espiritual cria condições especiais para a manutenção e transmissão da sua forma particular e exige organizações físicas e espirituais ao conjunto que damos o nome de educação (BRANDÃO, 1995, P. 15).

Segundo Brandão (1995), o corpo faz parte do conjunto da educação, e corpo e intelecto não se separam andam juntos e junto com a educação. Não podemos aprender sem o nosso corpo, se ele não está sendo tratado como parte de um conjunto que constitui a educação, ela não irá fluir com clareza, sem dificuldades de aprendizagem, pois o conjunto não está completo se o corpo não estiver incluído e sendo usado como um meio de educação, ele estará deflagrado.

Não é possível que o professor possibilite ao aluno desenvolvimento completo para apreender todos os conceitos científicos e cotidianos sobre o qual ele vive, tirando o corpo da criança de cena. Para atingir esse objetivo consciência corporal precisa ser usada ativamente no conjunto da educação que está sendo proposta em cada cultura. O educador deve considerar que o desenvolvimento escolar do aluno como um conjunto onde corpo, espírito e intelecto estejam interligados e sendo trabalhadas juntas.

Trabalhando com o conjunto corpo e educação, o educador deve respeitar o contexto da criança e basear a sua prática educativo partindo do que a criança já aprendeu anteriormente coloca Silva (2012), incentivar e trabalhar junto com a criança e partindo do contexto dela e o intelecto seja desenvolvido juntamente com o corpo e o afeto da criança, assim poderá trabalhar o desenvolvimento da aprendizagem do educando em cima deste conjunto corpo, afeto, intelecto, mente e espírito, ou seja, o trabalho se dará por completo respeitando todo o seu corpo.

Hoje o corpo tem sido separado do intelecto e está organizadamente preparado para serem deixados de lado mais, eles não se separam andam juntos e organizados, pois o propósito da educação é também trabalhar com uma educação com o corpo propiciando ao aluno que ele tenha o seu corpo livre e sendo trabalhado junto com suas práticas diárias, respeitando suas expressões naturais sem ter cortes ou repressões porque está se movimentando naturalmente.

O que a escola têm feito é trabalhar uma educação do corpo, onde os corpos são mecanizados não podendo andar, brincar, falar, correr, pular, gritar e etc. A criança deve ser um instrumento mecanizado e comportando onde suas expressões naturais não aceitas. Todas as tentativas de mostrar, viver e conhecer o seu corpo são proibidas, sentar-se na cadeira é mais importante, pois o que a escola precisa e está criando são corpos educados.

Toda criança têm um corpo e não podemos negar que esse corpo existe e têm as suas necessidades de mover-se. Educando o corpo para ser mecanizado para fazer o que pedem e querem os educadores que tanto reclamam de suas “hiperatividades.” Criam corpos educados que sejam produtivos dóceis e obedientes tratamos de um corpo que não será bem desenvolvido.

Outra educação deve ser tratada, uma educação pelo o corpo, que o liberte, que não seja mecanizado, retraído, largado e domesticado. Partindo do princípio que a educação é um conjunto, trabalhemos este conjunto por completo, deixe-o livre procurando não aprisionar os pensamentos, corpos, palavras. Como educadores devemos promover o crescimento da autonomia da criança, deixar se mexer, dançar respeitar e ouvir as falas, deixar que a socialização e o afeto entre os alunos se desenvolvam de forma leve e liberta.

De acordo com Brandão (1985), a educação é feita em todos os lugares na casa, na rua, na igreja partindo da necessidade e das práticas de cada ser humano que está inserido em um círculo cultural. As crianças aprendem com os adultos, os jovens aprendem com os anciões e o círculo de aprendizagem não se perde, as gerações vão continuar levando o aprendizado.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VIGOTSKY, 2009, p. 33).

Se a criança começa a conhecer formas de se relacionar com o seu mundo dentro de sua cultura, com a percepção de relacionamento afetivo com o outro, a criança irá conseguir

um bom ambiente interno e externo para que o desenvolvimento de sua consciência de si e de diferentes corpos seja desenvolvido com clareza e firmeza para que a aprendizagem possa ocorrer e se desenvolver bem, Robinson (1998)

Hoje em diversas instituições educacionais os corpos estão sendo mecanizados e silenciados para que se encaixem em um mesmo padrão. Um padrão onde não se têm expressão corporal livre dentro de sala de aula. Andar, falar, pular, brincar, dançar, movimentar-se é considerado algum tipo de doença. Os corpos dos alunos estão sendo educados a não ter movimento, pois ficar quieto, sentada e com um bom comportamento é uma importante condição para ser o “melhor aluno”.

Para Vigotsky (2010), só a vida educa, com modos de se relacionar com a vida e com as questões que ela oferece. Pessoas diferentes e respostas diversas em todo o tipo de contextos todos os tipos de conhecimento. A escola deve ser mediadora dessas relações da criança com espaços sociais. A vida deve ter mais importância que a escola, a escola está cercada de muros altos onde o aluno não está sendo considerado como um conjunto.

A vida entra na escola e não é a escola que entra na vida do aluno, as crianças chegam na escola trazendo diversas experiências que já viveram anteriormente. Estes saberes não podem ser descartados ou substituídos, eles devem ser usados dentro de sala de aula. É sempre necessidade e muito importante que a escola não sufoque a vida das crianças, mais que passem a utilizá-la.

Experiências de uma dançarina educadora

“O tempo penetra o corpo, e com ele todos os controles minuciosos de poder”. Foucault (1987, p. 129)

Nasci em uma família tradicional e não morei muito tempo com os meus pais, logo necessitei partilhar mais da metade de todos os meus 23 anos com a minha tia, e por alguns anos a convivência se deu de um modo torto, mas foi aqui que percebi o quanto o corpo necessita ser livre de todas as formas para que o desenvolvimento de todas as áreas da vida de um ser humano, cresça e se estenda de forma clara e saudável. Por anos reprimi meu corpo de dançar livre por vergonha de certas pessoas, minha tia era a que me causava mais vergonha, já deixei espetáculos passarem sem me apresentar por conta dela. Percebi com o tempo que medos devem ser enfrentados, e que respeitar não é ter medo. Entendido isso larguei o medo e soltei o meu corpo que dançava e gritava por dentro de tanto pavor de me mostrar e comecei a livrá-lo das amarras e do controle do poder que foi plantado dentro de mim.

Moreira (2003, p.149) afirma que: Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, através de atos ousados ou através de recuos necessários sem achar que um nega ao outro. É cativar e ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo numa relação dialógica. Entendido isto, pude viver e respeitar a necessidade que existe dentro de mim de externalizar a vida além das palavras, mostrar o que sou com danças, viver a dança, ser a dança.

A primeira experiência que tive como uma dançarina educadora foi com uma amiga que segundo ela era desengonçada para dançar, pois se achava alta demais para conseguir ser delicada e dançar como todos dançavam e ela achava lindo. A princípio tentei ensiná-la a dançar forró porque ela achava lindo ficar rodopiando como pena pelo salão. Por fim ela desistiu de aprender a dançar porque com o tempo percebeu que nela já existia uma dança que era só sua e não era a sua altura que determinava se era uma dança boa ou ruim, ela compreendeu que dançar não é só se mover, concorda Daolio (1997, p. 53):

[...] O corpo é uma síntese da cultura, porque expressa elementos específicos da sociedade da qual faz parte. O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração (a palavra é significativa). Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. (Daolio, 1997)

As expressões instaladas no corpo vieram de família, chegaram de forma simples, leve e feliz. O pertencimento da dança só chegou depois de muitos anos, pois o entendimento de estar, ser e viver a dança não eram pensados e claros no início. Gonçalves (1994), afirmam que cada corpo expressa a sua história adquirida em sociedade e por meio de valores, crenças, leis e sentimentos atribuídos a ela constroem a sua base social. Entendo que desta forma damos o primeiro passo para entender e afirmar ao que pertencemos, foi assim que me afirmei como uma educadora dançante, passando a entender que dançar não é só técnica, talento ou espetacularização.

Vigostki (2009) afirma que toda atividade exercida pelo homem tem um resultado em relação ao desenvolvimento. Assim, Possuímos uma capacidade de combinar as experiências já adquiridas á novas situações vivenciadas, combinamos, juntaram e reelaboraram de forma criadora. Novas experiências surgem gerando um novo comportamento. Fui crescendo e com o tempo adquirindo diversas experiências e como afirmou Vigostki combinei e o comportamento foi mudando e se mostrando dançante, fazendo-se entendido de corpo e alma dançante, um conjunto completo que não se dissociou nunca, só cresceu e se afirmou.

A dança nunca se tornou um trabalho de cunho financeiro, sempre foi um amor pela liberdade dos corpos que se mostravam tão presos em formas sócias de leis que massacram o corpo, leis que desrespeitam o corpo que comporta uma parte primordial da corporeidade. Sant'Anna, citado por Soares (2001, p. 3), refere-se ao corpo como:

[...] Território tanto biológico quanto simbólico, processador de virtualidades infundáveis, campo de forças que não cessa de inquietar e confortar, o corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida. Verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de

subjetividade e de sua fisiologia, mas ao mesmo tempo, escondê-los.
(Sant'Anna, 2001)

As maiorias de minhas experiências dançantes se deram dentro da igreja e a procura por aperfeiçoamento também foi despertada pela necessidade de dançar mais tecnicamente para poder ensinar melhor. Uma necessidade de saber mais sobre a técnica do ballet foi crescendo dentro de mim por amar dançar, amar o ballet e ter uma vontade imensa de ensinar melhor, procurei me aprofundar quando na adolescência para aperfeiçoar a minha dança dentro da igreja e ver as meninas que ali se encontravam dançando comigo, sendo despertadas para algo que realmente tivesse importância para elas, como a dança têm para mim.

Inicialmente dançava sozinha, depois de um tempo um grupo de adolescentes me procurou e demonstrou interesse em dançar junto comigo. Abri o ensaio para quem quisesse participar e apareceram poucas meninas mais neste momento todas eram adolescentes e eu ainda era muito nova. Acabamos nos afeiçoando umas às outras e até aqui éramos três ao todo. Comecei aqui neste momento a partilhar as experiências corporais que já havia adquirido. Passamos um grande tempo dançando em trio e foi esplendido o tempo que dançamos juntas.

Muitas adolescentes foram demonstrando interesse pela dança e nos buscavam para entrar no grupo e aprender a dançar como dançávamos. Inicialmente tínhamos três meninas, após um tempo seis e hoje temos vinte e cinco pessoas de variadas idades no grupo, sendo dez crianças todas meninas, nove adolescentes sendo sete mulheres e dois meninos, seis mulheres com mais de trinta anos, que criam e ensaiam juntas porque adoram dançar e entendem que não necessitam de técnica para ter uma boa desenvoltura no palco.

Comecei a perceber que a cada aula de alongamento elas melhoravam a sua dedicação aos exercícios cada uma dentro das suas possibilidades, Nada foi forçado, nada foi empurrado ou imposto como se fosse obrigação, os ensaios acontecem de forma leve e respeitosa, sempre as levando a refletir sobre o porquê estão ali para afirmar que nenhuma obrigação existe diante dos corpos dançantes ali presentes.

Elas crescem em técnica e como seres humanos, porque a vida e a dança não se separam elas se completam andam juntas e unidas formando de em cada ser uma consciência corporal. Hoje elas entendem que dançar não é só mover-se por um salão levando a platéia a vibrar com seus passos ternos e delicados. Elas entendem hoje que só se dança por completo quando se dança com a sua própria vida com suas experiências, quando o corpo está presente,

Verderi (2000) concorda quando diz que a corporeidade está apresentada na cultura de um povo como uma dança própria, onde se concentra aspectos do cotidiano de cada ser.

A pedagogia nunca foi a minha primeira opção de profissão, sempre investi e gostei mais de ser bailarina do que de ensinar, mais quando percebi que os dois mundos poderiam andar juntos foi esplendido. Educar dançando se tornou uma forma de mostrar primeiramente para mim mesma que não é só de técnica que a dança que faz morada dentro de mim consegui sobreviver. Educar foi se tornando um prazer. Presenciar as Mudanças educacionais na vida de cada criança atrás da dança foi e é uma enorme satisfação.

Educar dançando é entender que em um ser humano completo, não existe só um cérebro que absorve todas as informações que são entregues, educar dançando é respeitar o movimento dos corpos dentro de todos os espaços sociais, reprimi-lo não irá ajudar no seu desenvolvimento educacional. Aprendi a respeitar os movimentos naturais do corpo, todos somos seres dançantes, independente de técnicas, sempre teremos movimentos adormecidos dentro de nós. Por isso como educadores dançantes ou não, devemos valorizar respeitar e mover nossos trabalhos dentro e fora de sala de aula, respeitando as expressões naturais dos corpos ali presentes.

Considerações Finais

Construir este trabalho foi muito difícil, porém de extrema importância para meu crescimento pessoal e profissional, expressar minhas inquietações nestas páginas foi maravilhoso e dolorido, pois, considero que terminar estas linhas foi um grande passo para me livrar de muitas amarras viscerais que me vi incapaz de transpor durante anos.

Este processo de escrita me proporcionou conhecer mais da corporeidade permitindo a livre expressão do meu próprio corpo para trabalhar como educadora dançante em todos os espaços sociais que vivo. Libertar meu próprio foi o início para uma caminhada que se fará fantástica durante a minha existência.

Elaborar estes escritos me despertou a vontade de ser cada dia mais dançante dentro dos espaços onde muitos corpos são reprimidos e proibidos de expressarem seus corpos livremente. Entendo que precisamos de professores com corpos cada dia mais livres e expressivos, para que assim possamos deixar que os educandos se libertem e se movimentem sem proibições.

Durante todo este processo pude refletir sobre a minha prática como pedagoga dentro de sala de aula é o exemplo maior que fica de todo este trabalho é que nunca iremos conseguir como educadores um desenvolvimento completo do aluno se não considerarmos o corpo por inteiro, massacrar este corpo com “cantinhos do pensamento” e cadeiras, não irá fazer com que o educando apreenda o conteúdo com mais facilidade.

Por fim desejo que como educadores possamos sempre respeitar e libertar os corpos dos alunos que nesta profissão nos ensinam tantas coisas todos os dias. Na maioria das vezes não respeitamos as expressões, as falas e os movimentos, que possamos passar a deixar que a liberdade do corpo se faça presente em todos os espaços educacionais que caminharmos, seja um educador dançante e corporal em todo o tempo.

Perspectivas Futuras

Ser bailarina foi uma escolha profunda, a sapatilha me escolheu e me acolheu de forma grandiosa, creio que o nosso encontro veio para me fazer educadora. Ser pedagoga foi a minha primeira escolha de profissão, eu quis ser professora e hoje me faço uma educadora dançante.

A graduação me proporcionou conhecimentos que só sendo bailarina eu nunca iria ter clareza como tenho hoje. Para o futuro próximo desejo fazer uma licenciatura em dança e continuar meus estudos sobre dança e educação, prosseguindo como educadora dançante dando aulas de dança na sempre considerando a perspectiva apresentada neste trabalho.

Darei continuidade aos meus estudos fazendo mestrado e me aperfeiçoando a aprendizagem sobre o tema cada dia mais, nunca me afastado do mesmo, pois a minha vida está e sempre estará interligada de forma completa a educação e a dança, juntas elas formam o meu maior prazer o meu maior amor.

A Pedagogia me tornou uma educadora dedicada, respeitosa e amorosa com os pequenos que passam pela minha vida. Sou eternamente grata por todas as crianças que passaram pela minha vida e que me fazem um ser humano muito melhor todos os dias.

Passar os meus dias iluminados com os sorrisos dos pequenos me faz ser uma pessoa mais iluminada. Saber e entender como tratar cada um deles me faz ter uma realização de amizade com todos os meus alunos e sou grata a pedagogia por isto.

Por fim depois de tantas expectativas, espero realizar e viver todas as experiências relatadas à cima com muita saúde e sempre agradecendo a Deus por cada conquista. A vontade de batalhar se faça cada dia mais forte. Que ela resista, lute e ocupe todos os espaços dentro de mim.

Referências

- Brandão, Carlos. **O que é educação**. São Paulo: ed Brasiliense, 1985.
- GUILHON, Giselle. **Antropologia da Dança**. Florianópolis: Insular, 2013.
- DINIZ,. **Antropologia da Dança**. Florianópolis: Insular, 2013.
- NANNI, Dionísia. **Dança Educação, princípios, métodos e técnicas**. Rio de Janeiro: 5 ed, Sprint, 2008.
- ELLMERICH, Luis. **História da Dança**. 3. ed. São Paulo: Ricordi, 1964.
- Bíblia sagrada: Nova tradução e linguagem de hoje. Barueri, SP: Sociedade bíblica do Brasil, 2010 1376 p.
- Dança e ciência: Uma reflexão preliminar acerca de seus princípios filosóficos. Disponível em: <http://www.ufrj.br/seminariopsi/2009/boletim2009-1/garcia.pdf> Acesso em: 07 junho de 2016
- TAVARES, Isis Moura. **Educação, corpo e arte**. Curitiba: IESDE, 2005.
- A dança e seus efeitos no desenvolvimento nas inteligências múltiplas da criança <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev04-07.pdf>. Acesso em: 07/07/2016
- FOUCAULT, M. Vigiar e punir: o nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.
- ARROYO, Miguel G. Arroyo; SILVA, Mauricio roberto da silva. **Corpo Infância: Exercícios tensos de ser criança por outras pedagogias do corpo**. ed. vozes, Petrópolis, RJ, 2012
- REGO, Tereza Cristina. **Vigotski: uma perspectiva historicocultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- Dança Educativa: Um fato de escolas de São Paulo acessado em 27/11/2016 disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v21n53/a04v2153.pdf>
- VIGOTSKI, Lev semionovich. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.
- NANNI, D. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.
- VERDERI, É. B. **Dança na escola**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.